

Francisco Alves de Queiroz

franciscoqueirozz@gmail.com

Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbanismo pela Universidade Salvador, Mestre em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia, possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2006); Pós graduado em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, pela Faculdade Adventista de Administração; É Professor de Ensino Superior e Pós-Graduação, tem Experiência em Gestão de Políticas Públicas, Análises Estatísticas, Educação a Distância e Avaliação de Desempenho. É Consultor de Políticas nas áreas de Saúde e Gestão Educacional.

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

Caderno de Educação e Cultura 2017
Caderno Especial

MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE E RELAÇÕES DE TRABALHO INFORMAL: UM ENSAIO A LUZ DA SOCIOLOGIA

Este ensaio objetiva discutir a gênese, características da informalidade e a sua relação com a discussão do que é modernidade e pós-modernidade a luz da Sociologia. Uma análise introdutória, superficialmente histórica que observa a evolução desses fenômenos a partir da revolução industrial e dos pensadores desta época. Para ajudar neste debate apresenta-se os conceitos de sociólogos e economistas sobre as temáticas.

O que é trabalho precário? O que é modernidade? Nomenclaturas filhas das transformações sociais provocadas pela revolução industrial no século XVIII referem-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa e se tornaram globais. Trabalho precário, de baixa produtividade, definição que Marx deu aos trabalhadores expulsos do sistema produtivo capitalista industrial formal, com baixa remuneração e sem relações institucionais. Mas desde quando o trabalho do menos qualificados e desprotegidos e oprimidos socialmente, ao longo de toda história deixou de ser precário? Esta resposta não cabe aqui, mas fica a percepção de que, ao longo de toda a humanidade, os trabalhadores, sejam desempregados, servos, ou escravos, sempre tiveram relações produtivas bastante precárias.

Do trabalho precário, ou ausência de oferta de trabalho, no pós revolução industrial surgiu a informalidade, assim dizemos que a informalidade é contemporânea da modernidade, filha, sei lá, algum “parentesco” tem. Mas a informalidade, um termo moderno, superou a questão da precariedade e da baixa produtividade, não sei se se metamorfoseou com o capital, numa explicação marxista, mas, o fato é que o trabalho informal é intrínseco ao sistema, necessário, nunca vai ser completamente integralizado, pois muitos trabalhadores não pretendem

QUEIROZ, Francisco Alves de. **Modernidade, pós-modernidade e relações de trabalho informal: um ensaio a luz da sociologia.** *Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 10, n. 5, p. 115 - 119, nov. 2017.*

sair dessa condição, pois em diversas oportunidades tem renda e condições de trabalho melhores do que no emprego formal. (QUEIROZ, 2006), (QUEIROZ, 2009) e (QUEIROZ, 2012). Talvez seja isto um prenúncio de uma situação pós-moderna da relação de trabalho informal.

Boaventura de Souza Santos, desde a década de oitenta diz que estamos caminhando para uma ciência pós-moderna, que o atual paradigma dominante de se fazer ciência está ultrapassado e em crise. Giddens (1991) argumenta que estamos no limiar de uma nova era, e questiona sobre o que está para além da própria modernidade, um novo tipo de sistema social, alguns termos tem sido empregados, “sociedade de informação”, “sociedade de consumo”, “pós-modernidade”, “sociedade pós-industrial”. A leitura de Giddens sugere que estamos nos deslocando da produção de bens materiais para a de informação, baseando-se na noção de pós-modernidade, Jean-François Lyotard, com fé no progresso planejado humanamente. (GIDDENS, 1991)

A produção industrial se tornou o eixo das relações de trabalho, emprego e vida dos seres humanos, definiu uma nova relação com a natureza, antigamente em continuidade e mais harmônica com o meio ambiente, agora em condições de modernidade altamente explorador e com grandes impactos, provocando desastres naturais e relações de trabalho precárias, desemprego e concentração de renda. “A indústria moderna, modelada pela aliança da ciência com a tecnologia, transforma o mundo da natureza de maneiras inimagináveis às gerações anteriores”. (GIDDENS, 2009, p. 57).

A modernidade vem com grandes forças de conflitos, a principal é a separação de tempo e espaço. As explicações teóricas iniciais sobre isto vêm da sociologia, as que derivam dos escritos de Marx, Durkheim e Weber, com a tendência de analisar questão da dinâmica de transformação e a natureza da modernidade. Marx numa vertente econômica afirmou que o que modela o mundo moderno é o capitalismo. Este ponto de vista foi criticado tanto por Durkheim como por Weber. (GIDDENS, 1991, p. 16). Durkheim, intelectual de gabinete, não poderia fazer outra coisa a não ser criticar Marx, afinal sua teoria sobre os fatos sociais e seu método de pesquisa são lineares e positivista, defensor da descrição, enumeração e métrica na pesquisa, por opção, viu de longe as transformações da sociedade e as analisou como se estivesse em um laboratório de ciências naturais e julgou que o impulso energizante foi a divisão do trabalho. A crítica de Weber é controversa, pois discordar que o capitalismo molda a sociedade moderna, enfoca a racionalização, os avanços tecnológicos e a organização burocrática e por outro estabelece que a principal função das cidades é uma função de mercado. A produção industrial moderna capitalista redefiniu todas as relações sociais, a ciência, o produto e a renda. A divisão do trabalho, a burocracia e a tecnologia estão sob domínio e a serviço da produção capitalista.

Giddens (1991) tenta trazer uma nova dimensão, que julga mais adequada, rompendo com as perspectivas sociológicas existentes, muito pretencioso, diz “temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas discontinuidades em relação às culturas tradicionais”.

De fato a perspectiva da análise da modernidade é a transformação do tempo e do espaço, neste sentido como em tantos outros pontos, Giddens está correto, o dinamismo e a velocidade que as mudanças estão ocorrendo tiram da sociedade a noção de lugar, e poderia-se afirmar

ainda outro fato, a perda de identidade. Observe Giddens “o advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles.” (GIDDENS, 1991, p. 22)

Giddens, Bauman, Souza Santos e Milton Santos afirmam que os pesquisadores sociais estão desorientados, em um universo de eventos complexos e fora de controle e não basta meramente inventar novos termos, “pós-modernidade”, é necessários olhar novamente para a natureza da própria modernidade “a qual, por certas razões bem específicas, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas ciências sociais” (GIDDENS, 1991), e precisamos esmiuçar as naturezas das relações de forma histórica e dialética.

Os pensadores precursores, Marx, Web, Weber, os dos séculos XX, Hannah Arendth, Gramisc, Habermas, Milton Santos, Souza Santos, Castells, tem um consenso, os modos de vida produzidos pela modernidade trouxe uma nova ordem social que não tem precedentes, as divergências vem das análises da intencionalidades dos atores sociais e dos caminhos da produção capitalista.

A modernidade tem um ritmo de mudança bem mais dinâmico e tecnológico, diferentes áreas do globo são postas em interconexão virtual, grande dependência da produção por atacado e de fontes de energia inanimadas e por fim a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado. “O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante do que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual.” (GIDEENS, 1991) A cidade, como o próprio Weber trata, tem uma função predominante de ser o local para realização da produção e do consumo.

Tanto Marx como Durkheim viam a era moderna como uma era turbulenta. Mas ambos acreditavam que as possibilidades benéficas abertas pela era moderna superavam suas características negativas. Marx via a luta de classes como fonte de dissidências fundamentais na ordem capitalista, mas vislumbrava ao mesmo tempo a emergência de um sistema social mais humano. Durkheim acreditava que a expansão ulterior do industrialismo estabelecia uma vida social harmoniosa e gratificante, integrada através de uma combinação da divisão do trabalho e do individualismo moral. Max Weber era o mais pessimista entre os três patriarcas fundadores, vendo o mundo moderno como um mundo paradoxal onde o progresso material era obtido apenas à custa de uma expansão da burocracia que esmagava a criatividade e a autonomia individuais. (GIDDENS, 1991)

Marx já anunciou há muito tempo a capacidade de mutação do capitalismo, Buaman (2009) acredita que para se manter vivo o sistema, não era mais necessário “remercadorizar” o capital e o trabalho, e sim garantir mecanismos de consumo constante mantido pelo Estado. O crédito era o dispositivo mágico (esperava-se), o Estado “capitalista” garante a disponibilidade contínua de crédito.

É necessário se adaptar aos novos nuances da produção capitalista, e nisto a produção informal

é muito eficiente, se molda e se adapta com facilidade as crises econômicas, ao desemprego e as fragilidades reguladoras do Estado. Neste sentido Bauman traz um metafórico exemplo:

No mundo volátil da modernidade líquida, no qual é difícil uma forma manter sua estrutura pelo tempo necessário para garantir a confiança e se coagular numa credibilidade de longo prazo (...), andar é melhor que ficar sentado, correr é melhor que andar, e surfar é ainda melhor que correr. Melhor surfista é o que desliza com leveza e agilidade, que não é muito exigente quanto às ondas que virão e que está sempre pronto a abandonar as antigas preferências." (BAUMAN, 2009. p. 45)

A oferta de oportunidade de trabalho em funções administrativas, industriais e comerciais tradicionais se esgota depressa, o desemprego força aos trabalhadores adotar um comportamento de subordinação e a saída é recorrer a outras possibilidades de produção. Assim, numa visão marxista, a modernidade é vista como um monstro destruidor, e irreversível. "A modernidade era para Marx o que Habermas chamou com precisão de um "projeto inacabado" (BAUMAN, 2009)

Se a modernidade é um projeto inacabado, estamos caminhando para onde? O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura. Um sistema pós-moderno será institucionalmente complexo e podemos caracterizá-lo como representando um movimento para "além" da modernidade. Define a pós-modernidade como transformações possíveis para "além" das instituições da modernidade. (GIDDENS, 1991, p. 154).

A pós-modernidade se refere a algo diferente, ao menos como eu defino a noção. Se estamos nos encaminhando para um fase de pós-modernidade, isto significa que a trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade rumo a um novo e diferente tipo de ordem social (GIDDENS, 1991, p. 45).

Mas essa transição não é básica, nem simples, ninguém tem convicção de onde estamos indo e onde realmente vamos chegar. Uma questão a se colocar, numa perspectiva marxista: será que isto, pós-modernidade da forma como está se manifestando, não é apenas mais uma metástase da produção capitalista. Reafirma-se Giddens (1991) "falar da pós-modernidade como suplantando a modernidade parece invocar aquilo mesmo que é (agora) declarado impossível".

Deseja-se ao menos numa condição pós-moderna uma ascensão de novos movimentos sociais e a criação de novas agendas políticas e a acessão do trabalho, ao menos, em condições de garantir a sobrevivência dos trabalhadores. E ironicamente os trabalhadores informais passam de excluídos do sistema pelo desemprego, de exército de reserva, a uma poderosa massa de consumo de apoio ao sistema atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade produziu a informalidade, não do nada e nem do acaso, os desempregados que habitavam um "exército de reservas" buscou alternativas à sobrevivência, mediante um estado brasileiro que não garantia as condições mínimas de vida. Os trabalhadores que não tiveram acesso

ou simplesmente foram expurgados do processo capitalista/industrial de produção migraram para outras possibilidades de produção. Arrisco dizer que a informalidade começou no Brasil com a abolição da escravatura, no qual os negros foram retirados das lavouras e jogados nas favelas e nos guetos sem nenhuma alternativa de trabalho formal, e se potencializou nas cidades grandes que não absorveram a mão de obra migrada do campo.

O grande detalhe é que a informalidade gerou uma nova perspectiva, uma nova ordem de produção, não tão efetiva e produtiva como a industrial, mas forte em consumo por ter uma gigantesca massa de trabalhadores, e, nem sempre, em condições precárias e baixa produtividade. Tanto que, a informalidade deixa de ser uma saída, e sim uma opção de vida para muitos trabalhadores, pois estes se recusam ao processo formal da produção industrial vigente. Seria aqui está modelagem do trabalho informal uma nova transcendência da indústria moderna?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2010.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP. 1991

KEYNES, **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**, Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LAUTIER, Bruno. Informalidade das Relações de Trabalho e Cidadania na América Latina. **Caderno CRH**, Brasília, DF, 6.18, 16/03/2007. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=350>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

MARX, Karl, **O capital: Crítica da Economia Política: Livro I – Volume 2 – O processo de produção do capital**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

OLIVEIRA, Francisco de. **A Era da Indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007.

QUEIROZ, Francisco Alves de. **A Economia Informal e as Políticas Públicas Brasileira**. Monografia. Cachoeira-BA: Faculdade Adventista de Administração, dez. 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**. Editora Record, São Paulo. 2000.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

WEBER, Max. **Conceito e categorias da cidade** In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, 1967.